

I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.

A Correspondência do Editor Monteiro Lobato: Sistema Literário e Sociabilidade nos Anos 1920

Emerson Tin¹

Instituto de Estudos da Linguagem

Universidade Estadual de Campinas

Resumo: Monteiro Lobato foi, segundo os historiadores do livro e das editoras no Brasil, um editor revolucionário. Essa revolução se deu em vários níveis, seja na materialidade do livro, com a adoção de capas ilustradas e coloridas, seja na maneira de vender o livro, seja na escolha dos autores editados. Com a fundação da editora, Lobato começa a ser assediado por inúmeros escritores, de nomes consagrados a alguns – até então – desconhecidos. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é traçar, por meio de alguns exemplos de sua correspondência ativa e passiva – com a transcrição integral de algumas cartas não publicadas –, de que maneira se configurava a relação entre os autores e o editor Monteiro Lobato, de forma que, a partir da correspondência, possamos reavaliar e redimensionar a importância do escritor taubateano no sistema literário do início do século XX.

Palavras-chave: Monteiro Lobato ; cartas ; história editorial ; Monteiro Lobato & Cia.

Com o dinheiro da venda da Fazenda Buquira – herdada, em 1911, com a morte de seu avô, o Visconde de Tremembé, e na qual residira e trabalhara até então – Lobato adquire, em julho de 1918, a *Revista do Brasil*, uma das publicações periódicas mais importantes do período. Ao mesmo tempo, funda uma casa editora, da qual alguns volumes ainda serão editados, por algum tempo, sob a chancela da *Revista*, até que o nome *Monteiro Lobato & Cia.*² esteja firmado no mercado.

Monteiro Lobato foi um editor revolucionário. Esse tornou-se um lugar-comum nas histórias do livro e nas histórias editoriais do Brasil, repetido à exaustão. Não é para menos: como todos sabem, se não foi o primeiro, foi o maior renovador do livro em nosso país, com a adoção de capas coloridas, ilustradas muitas vezes por importantes artistas – como Anita

¹ Emerson Tin é doutorando em Teoria e História Literária do Departamento de Teoria Literária do IEL/UNICAMP, onde desenvolve, sob orientação da Profª. Marisa Lajolo e com financiamento da FAPESP, o projeto de pesquisa intitulado *O “Lobato das cartas”: leitura e análise da epistolografia lobatiana*, iniciado no ano de 2003. Endereço eletrônico: emtin@mpc.com.br

² Segundo Edgard Cavalheiro, “em março de 1919 a oficina está funcionando, e a firma registrada na Junta Comercial: ‘Monteiro Lobato & Cia.’” (*Monteiro Lobato: Vida e Obra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956, t.1, p.224)

Malfatti, Di Cavalcanti, Paim, Juvenal Prado³ –, que eram o avesso das amarelas brochuras francesas, o modelo editorial consagrado até então:

Havia nessa época quatro ou cinco editoras no Brasil, cópias ou apêndices de editoras portuguesas, as quais, por sua vez, não passavam de cópias das francesas. As capas eram aquela coisa simples e repetida, a mesma cor, os mesmos tipos nos dizeres... Então resolvemos revolucionar também isso. Chamei desenhistas, coisa nova e escandalizante chamar desenhistas... Mandei pôr cores berrantes nas capas... E também mandei pôr figuras! Imagine, naquele tempo uma capa de obra de um grande escritor, todo circunspecto na sua sabedoria – algum herói da literatura – com figuras na capa...⁴

Mas se Lobato inovou no *como* editar, inovou também, e com muito mais relevância, no *o que* editar e no *como vender*. Em tom joco-sério, chega a afirmar a Godofredo Rangel, em carta de 08 de julho de 1918: “Sou hoje um dos que decidem do destino das coisas literárias do país.”⁵

Num diagnóstico preciso do problema de distribuição do livro no Brasil, Lobato elaborou a famosa carta-circular que enviou aos quatro cantos do país, pedindo informações sobre estabelecimentos comerciais, aos quais posteriormente propôs o negócio do livro. Mas o editor revolucionário se revelaria também na sua galeria de editados:

Passamos a aceitar somente autores novos. Nada de gente velha. De original sob o braço, queria falar conosco, olhávamos a cara, em lugar de ler originais... Gente nova? Publicávamos. Pagávamos os direitos, imagine que nós pagávamos os direitos, às vezes antecipados... Um escândalo, meu amigo! Mas, nada de velharias, medalhões, nada de acadêmicos com farda de general de opereta, do tempo de Luís XIV, armado daquela espadinha de cortar papel... Gente nova, de paletó saco, humilde nas suas pretensões mas, gente nova.⁶

Entre os *novos* estava o velho amigo Godofredo Rangel, que já havia publicado, na *Revista do Brasil*, entre maio de 1917 e janeiro de 1918, o seu romance *Vida Ociosa*. Em carta de 29 de agosto de 1918, é instado por Lobato a publicá-lo em livro – não sem antes sugerir algumas correções:

Estive pensando no seguinte: é preciso editar a *Vida Ociosa* e a *Falange Gloriosa* – você é o homem dos “osas”. O fato de o teu romance ter saído na *Revista do Brasil* corresponde a quase ineditismo. Ninguém lê essa maçuda e irrespirável revista

³ Para um estudo aprofundado das capas e ilustrações no período, Cf. LIMA, Yone Soares de. *A ilustração na produção literária: São Paulo – década de vinte*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1985.

⁴ Lobato, Editor Revolucionário. *Leitura*, ano I, nº 10, setembro de 1943, p.13, 32. Uma versão modificada dessa entrevista foi publicada em *Prefácios e Entrevistas* (São Paulo: Brasiliense, 1964, p.251-6).

⁵ LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964, t.2, p.174. Todas as citações da obra de Lobato tiveram a sua ortografia atualizada.

⁶ *Id.*, p.32.

cheia de cracas acadêmicas – Hélios, Mário e outros plagiadores da dureza da peroba. Que perobas! Estás ali e estás tão inédito como se te publicasse o *Correio Paulistano*. É indispensável vires a público em livro, porque o livro é como o germe que faz a palma, a chuva que faz o mar. Anda lá, pois, com as correções, elimina aquele final da expulsão do juiz, que está idiota e ninguém aceita e ainda ontem vi condenado por uma dama de faro apuradíssimo – e manda-mo.⁷

Rangel, cuja edição de *Vida Ociosa* sairia do prelo em fins de 1920, não seria o único novo publicado por Lobato remanescente do grupo do *Cenáculo* – o grupo de amigos oriundo da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco: “Vou editar o Ricardo em setembro – *Ipês*. Já temos, paridos pelo prelo, o Nogueira e eu; saindo você e o Ricardo, restará em estado interessante só o Albino com o seu tratado de psicologia. E o *Cenáculo* terá vencido, hein?⁸” Ricardo Gonçalves, que havia se suicidado em 1916, receberia como homenagem póstuma de Lobato a coleção e publicação, em 1921, de seus poemas e traduções sob o título de *Ipês*. José Antônio Nogueira publicaria, também em 1921, *País de ouro e esmeralda* e, em 1922, *Sonho de gigante*. Raul de Freitas, sob o pseudônimo de Antônio Lavrador, publicaria, em 1923, *Sonetaços*.

Mas os olhares do editor não se voltavam apenas para os amigos. Logo após a aquisição da *Revista do Brasil* Lobato, num tom bem humorado, mas em que se percebe a admiração e respeito pelo destinatário, convida Lima Barreto, em carta de 02 de setembro de 1918, a escrever para o periódico:

Prezadíssimo Lima Barreto.

A *Revista do Brasil* deseja ardentemente vê-lo entre os seus colaboradores. Ninho de medalhões e perobas, ela clama por gente interessante, que dê coisas que caiam no gosto do público. E Lima Barreto, mais do que nenhum outro, possui o segredo de bem ver e melhor dizer, sem nenhuma dessas preocupaçõezinhas de *toilette* gramatical que inutiliza metade de nossos autores. Queremos contos, romances, o diabo, mas à moda do *Policarpo Quaresma*, da *Bruzundanga*, etc. A confraria é pobre, mas paga, por isso não há razão para Lima Barreto deixar de acudir ao nosso apelo.

Aguardamos, pois ansiosos a resposta, uma resposta favorável.

Do confrade

Monteiro Lobato

P.S. – Pelo amor de Deus, leia e rasgue isto. L.⁹

Admirador declarado do escritor carioca, Lobato proporia, em carta de 15 de novembro do mesmo ano, a publicação de *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* em condições extremamente vantajosas para Lima Barreto – o que, salvo melhor juízo, não proporcionou a ninguém mais:

⁷ *A Barca de Gleyre, cit.*, t.2, p.180.

⁸ Carta a Godofredo Rangel, datada de 29 de agosto de 1918 (*A Barca de Gleyre, cit.*, p.180).

A *Revista do Brasil* tem muito gosto em editar essa obra e o faz nas seguintes condições: como é pequena, podendo dar um volume aí de 150 pgs mais ou menos, convém fazer uma edição de 3.000 exemplares em papel de jornal que permita vender-se o livro a 2\$000 ou no máximo a 2\$500; neste caso, proponho 50% dos lucros líquidos ao autor, pagáveis à medida que se forem realizando.

Podemos fazer mais outra proposta: a *Revista* explorará a primeira edição tirada nas condições acima, mediante o pagamento de 800\$000 no ato da entrega dos originais e a outra três meses depois de saído o livro.¹⁰

Aliás, sobre a edição do livro, diria Lobato a Rangel, em carta de 24 de novembro de 1918:

Fechei neste momento um romance de Lima Barreto, *Isaiás Caminha*. É dos tais legíveis de cabo a rabo. Romancista de verdade. Amanhã vou assinar com ele contrato para edição dum livro novo, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, cujos originais já estão aqui. A letra é infamérrima e irregularíssima. Há trechos em que o autor positivamente cambaleia, e outros em que pára para “destripar o mico”. Mas quanto talento e do bom!¹¹

O editor Lobato também era procurado por escritores que pretendiam cavar um lugar no prelo da Monteiro Lobato & Cia. ou nas páginas da *Revista do Brasil* – ou até mesmo de outros periódicos, aos quais o nome de Lobato parecia estar indiretamente ligado. É o caso de duas cartas – cujas cópias estão depositadas no acervo da Biblioteca Monteiro Lobato, em São Paulo – que Lobato dirigiu a uma escritora que viria a conquistar o reconhecimento somente mais de quarenta anos depois, mas em que Lobato já entrevê o valor literário. A primeira das cartas de Lobato escritas a Cora Coralina é datada de 04 de outubro de 1921:

São Paulo, 4-out. 921

Exma. colega Dna. Cora Coralina

Recebi sua gentilíssima carta de 25 e antes de mais cumpre-me agradecer a simpatia que demonstrou para com este humílimo rabiscador. Quanto ao negar o *Estado* creio que a amiga dirigiu mal duas vezes; a 1^a mandando sua colaboração para lá, pra um jornal ranzinza e ingrato e abarrotado de material. 2^a dirigindo-se a mim para obter a publicação, quando nenhuma ligação tenho com tal velho. Não obstante a primeira vez que lá for falarei do seu artigo ao Amadeu. O melhor porém seria remeter-me cópia desse que eu cá fá-lo-ia publicar.

E sem mais, Dona Cora pedindo-lhe que creia na muita simpatia deste seu colega, subscrevo-me

Amigo At.

⁹ BARRETO, Lima. *Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. Introdução, seleção e notas de Bernardo de Mendonça. Rio de Janeiro: Graphia, 1998, p.247.

¹⁰ *Id.*, p.247-8.

¹¹ *A Barca de Gleyre, cit.*, t.2, p.186.

Monteiro Lobato¹²

Carta formal, em que Lobato mantém-se numa polidez distante e cordial, difere bastante da carta seguinte, datada de 10 de janeiro do ano seguinte, extensa e intensa na demonstração da admiração de Lobato pela escritora nova:

São Paulo, 10-1-922

Exma. Sra. (ou Srta.?) Cora Coralina

Só hoje respondo à sua de 30 de dezembro porque estive fora, de férias. Se li o seu artigo no *Estado*? Li-o sim e lembro-me muito bem dele. Propunha a Sra. uma visão cinematográfica geral do país por ocasião do centenário. A idéia era ótima e creio que está em início de execução. Formou-se cá uma empresa para esse fim. Estão já batendo caixa, e prometem grandes coisas. Depois, como de costume, sairá um ratinho.

Recebi as suas tiras de saudade sobre o Rio Vermelho. Li com especial carinho, pois de há muito que, apesar de viver com o tempo contado, leio tudo que traz a sua assinatura. Conhecia-a da *Revista Feminina*, e tanta espontaneidade vi em seus escritos que telefonei à redação indagando quem era D. Cora. Soube que era uma Curado (informaram-me errado?) e já não me admiro por escrever bem, filiada que é a uma família tão distinta. Quis até escrever-lhe para Goiás, convidando-a para colaborar na *Revista do Brasil*. Vieram mil atrapalhões e o *quis* ficou no *quis*. Hoje a Sra. antecipou-me e veio para a *Revista*. Mas não vem como deve vir. Seu artigo, lindamente escrito, cheio de sentimento e saudade, não cabe no caráter dessa revista, que dá preferência a artigos de estudo, de observações sociológicas, e evita o que chamamos literatura pura (sabor no verso). Assim, retenho o seu artigo para publicá-lo se me autorizar a isso, em outra publicação onde assente melhor, e fico à espera de que mande para *Revista do Brasil* algumas linhas próprias sobre tanta coisa que seu espírito está apto a tratar. Mando-lhe o programa da *Revista*, que tracei há tempos, e onde assinalei numerosas sugestões que lhe poderão guiar. Observadora como é, a senhora não dependa do escrever bem, tenho a certeza de que encontrará nessa lista temas interessantes. E fora deste programa poderá a Sra. tratar do que queira, contanto que se norteie pelo espírito dela.

Aguardo as suas ordens, e peço que disponha deste humilde criado e velho admirador

M. Lobato¹³

¹² Transcrito da cópia xerográfica de um datiloscrito sem assinatura, arquivada na Biblioteca Monteiro Lobato (pasta 33A, documento nº 3702).

¹³ Transcrito da cópia xerográfica do original manuscrito depositada na Biblioteca Monteiro Lobato (pasta 33A, documento nº 3701). A interrogação no vocativo – “Exma. Sra. (ou Srta.?) Cora Coralina” – está no original.

Lobato revela-se admirador e leitor assíduo da escritora em suas aparições na *Revista Feminina*. Um gesto de polidez do editor, revelar-se leitor da destinatária? Ou um indício de um editor atento aos movimentos do sistema literário, preocupado em farejar novos talentos? Infelizmente nada mais sabemos sobre essa relação epistolar. Teria Cora Coralina escrito mais alguma carta a Lobato? Teria enviado algum texto ou livro para publicação? Somente as pesquisas futuras poderão responder.

Mas não somente os escritores *novos* procuravam o editor. Também alguns “medalhões”, consagrados pelo público pretendiam ver-se editados sob a chancela da *Monteiro Lobato & Cia*. Isso pode ser percebido por meio da extensa correspondência passiva do autor no período, da qual alguns exemplares, junto de outros documentos e objetos pessoais doados pela família do escritor em dezembro de 2001, passaram a constituir do Fundo Monteiro Lobato do Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (CEDAE), do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP.

É o caso, por exemplo, de Humberto de Campos que, em carta de 31 de maio de 1919, propõe a Lobato a publicação, “em edição barata e vendável, [de] uma seleção das crônicas miúdas, do ano passado, do conselheiro X.X.”, um de seus pseudônimos mais célebres:

1919. – Rio de Janeiro, 31 maio.

Meu glorioso Jeca Tatu.

Eu estou, há quatro ou cinco meses, em dívida com vc: a que assumi prometendo-lhe a minha colaboração na obra social e literária da *Revista*, cujo prestígio vc. vem aumentando, dia a dia, com o brilho do seu talento e a glória do seu nome. Vc. pode imaginar, porém, meu caro Jeca, o que é um homem, nas suas preocupações e nos seus sustos, quando ele se faz candidato à Academia de Letras. Todos os cuidados e horas são absorvidos por esse pensamento, devorados por essa idéia fixa, que ainda lhe rouba o sono e lhe destrói, como a geadas, a flor de ouro da jovialidade.

Eu fui candidato à Academia, e não ganhei a eleição, apesar de haver derrotado quatro vezes o competidor. E agora voltei à porta da mesma casa, onde, entretanto, desta vez, estou batendo sozinho. Se esta situação cômoda continuar até o encerramento da inscrição, fica vc. condenado a aceitar, para seu castigo e meu proveito, a colaboração constante da minha velha promessa.

Eu venho acompanhando com interesse a orientação da *Revista* como instituição editora, e tenho observado que é pensamento, seu, e dela, demonstrar, com elementos literários, a jovialidade da raça. Os *Urupês*, o volume do Lima Barreto e o do Martim Francisco, pareceram-me provas documentais dessa suspeita. E é firmado nela, que eu lhe pergunto: não quereria vc. editar, em edição barata e vendável, uma seleção das crônicas miúdas, do ano passado, do conselheiro X.X.? Eu pretendia dá-las aqui ao nosso Leite Ribeiro, que adquiriu a *Poeira...* e editou a *Seara*; mas – como vc. deve ter observado – o Leite está se aguando muito em edições que lhe saem caras, e já não me está agradando muito a companhia bibliográfica que ele me prepara. Eu

tenho a vaidade de supor que o Conselheiro possui aqui algumas centenas de leitores ricos – e é para isso mesmo, para falar à vaidade deles, que ele povoa as suas crônicas de nomes próprios... O Corrêa Dias, o Raul, ou o J. Carlos, faria uma capa inteligente desse *Vale de Josafá* (onde comparecem os vivos e os mortos), e você publicaria a edição com os compromissos que quisesse, ou, mesmo, sem compromisso nenhum antes do resultado.

Eu estou, há dois meses, para escrever um artigo sobre o Jeca, aproveitando a ocasião para um estudo das nossas criações literárias simbólicas e populares. A Academia, ou, antes, a preocupação acadêmica, tem, porém, devorado tudo...

E adeus, meu brilhante Jeca Lobato; muito obrigado pela transcrição com que a *Revista* às vezes distingue a minha humildade – e responda, quando lhe for possível, à proposta que lhe faço. Consulte antes de tudo os interesses da empresa, porque a admiração e a amizade serão sempre as mesmas, neste seu sincero admirador e camarada

Humberto de Campos.¹⁴

Note-se que Humberto de Campos, ao mesmo tempo que sugere a publicação do livro de crônicas, aponta como argumentos para convencer o editor o seu renome de escritor já publicado e praticamente eleito para a Academia Brasileira de Letras e um público leitor cativo e abastado – “algumas centenas de leitores ricos”. A despeito disso, sugere que a edição seja “barata e vendável” – talvez pretendendo abranger um público maior que as “centenas de leitores ricos”. Apesar de todos os argumentos expendidos por Humberto de Campos, não temos registro de que o livro tenha sido editado por Lobato.

Um escritor *novo*, mas que já tinha certa projeção nos meios literários, proporia a publicação de um livro de crônicas históricas, em carta datada de 5 de março de 1920. Era Viriato Corrêa, que já vinha escrevendo peças de teatro, livros infantis e em jornais há vários anos:

Rio – 5 – março – 1920

Meu caro e ilustre Monteiro Lobato

Saúde e triunfos.

Entre nós, dois dedos de palestra, permite-nos às vezes intimidades estreitas. Os 20 ou 30 minutos de prosa que tivemos no *Malho*, autorizam-me a dirigir-me a V. como se fosse a um íntimo.

Poupemos as sedas a rasgar. O caso é este. Tenho um livro para ser publicado. Não sei se V. tem lido os meus artigos no *Correio da Manhã*. Se não teve esse mau gosto, em duas palavras dou-lhe a explicação. São crônicas históricas, leves, ligeiras, mais pitorescas do que sisudas como costuma ser tudo que se refere a nossa história. Essas crônicas têm feito aqui no Rio um ruído que a mim próprio surpreende. Resolvi então reuni-las em livro, com o título *Histórias da nossa história*. Quis entregar o livro ao Alves, ou melhor ao sucessor do Alves, mas só no fim do ano seria o trabalho publicado, isso porque o Alves, atualmente com muito trabalho, ainda não recebeu as máquinas que encomendou. Pensei em V. *Histórias da nossa história* são 20 artigos e os seguintes: *A defesa de Joaquim Silvério* –

¹⁴ Manuscrito original depositado no Fundo Monteiro Lobato do Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (CEDAE), do IEL/UNICAMP (Série Correspondência Passiva).

traços de história da Inconfidência em que vejo Silvério dos Reis não como um traidor, mas como um português que denuncia uma revolução contra a sua pátria; *Colombo* – em que estudo arestas más do caráter do descobridor da América; *Chica da Silva* – história bizarra e curiosíssima da opulenta negra que foi amásia do sexto contratador de diamantes; *Línguas de trapo* – os tipos da comitiva de D. João VI que disseram horrores do Brasil; *A política de Nóbrega* – estudo dos processos usados pelo grande evangelizador para manter a disciplina na Companhia de Jesus; *A imperatriz postiça* – passagem cavalheiresca de D. Pedro com a marquesa de Santos; *Barão de Catas Altas* – traços do grande nababo mineiro que oferecia almôndegas de ouro puro nos seus banquetes; *O crime de Pedro Vieira* – história daquele fazendeiro de Pernambuco que matou o filho e, confessando-se o assassino, convida os vizinhos para o enterro; *À saúde do meu mordomo* – um fato desenrolado entre José Bonifácio e Pedro I; *Ponha-se na rua* – episódio dos primeiros dias do estabelecimento da corte portuguesa no Brasil; *As meias de seda do capitão-mor* – curiosa passagem histórica da célebre batalha de Guaxenduba, figurando os vultos de Jeronymo de Albuquerque e Diogo de Campos; *O copo d'água Schkoppe* – um dos lindos lances da revolução pernambucana contra os holandeses; *As ligas de D. Gertrudes* – curioso episódio do primeiro império, entre uma *cocote*, um major alemão e D. Pedro I; *A grande comédia* – outro lance da resistência pernambucana, em que ressaltam as figuras de Fernandes Vieira e Vidal de Negreiros; *Os ossos de frei Sampaio* – estudo do frade revolucionário e história caricata dos seus ossos perdidos; *Nababos das minas* – descrição da pompa daquele célebre ricaço paulista – o padre Guilherme Pompeu de Almeida e do opulento João Fernandes de Oliveira; *Formigas históricas* – aquele interessante processo instaurado pelos frades capuchos do Maranhão contra as formigas que lhes devoravam a horta; o *Turumba do Apostolado* – luta entre Pedro I e José Bonifácio, quando aquele fecha violentamente associação secreta do Patriarca; *Voracidade dos Braganças* – história de todo o nosso ouro que os reis bragantinos gastaram e *O rei Salomão no Brasil* – sobre o célebre artigo em que de Onfroy de Thorin procura mostrar que as naus de Salomão estiveram no rio das Amazonas.

Aí tem V. o livro. Parece-me um volume curioso. O amigo verá se quer editá-lo. Creio que o livro dará 300 páginas.

Escreva-me. Estou na redação do *Malho* como V. sabe.

Tenho gostado imensamente das edições da *Revista do Brasil*. Vejo-as por toda a parte, em todas as livrarias. Isso é animador.

Mande-me dizer se quer e as condições.

Do velho admirador

Criado e Amigo

Viriato Corrêa¹⁵

A carta se abre com um argumento de captação da benevolência (*captatio benevolentiae*): para justificar o envio da carta, o remetente apela para os “20 ou 30 minutos de prosa” que tiveram na redação de *O Malho*, suficientes para instaurar a amizade. E, de um modo que certamente agradara ao pragmático Monteiro Lobato, resolve poupar “as sedas a rasgar” e vai diretamente ao assunto: a publicação de um livro contendo 20 crônicas ligeiras sobre a história do Brasil, intitulado *Histórias da nossa história*.

Monteiro Lobato publicaria o livro de Viriato Corrêa ainda nesse ano de 1920, com

uma numeração de série: “1ª Série”.¹⁶ Das 20 crônicas indicadas na carta pelo autor, a edição de 1920 deixaria duas de fora: *Os ossos de frei Sampaio* e *Formigas históricas*. Curiosamente, foram excluídos justamente os artigos que poderiam mais ridicularizar o clero da Igreja Católica. Decisão de um editor cauteloso que, apesar de suas tendências anticlericais, pretendia não chocar um público maciçamente católico? Ou pretendia dá-las posteriormente num volume que constituísse a “2ª Série” das *Histórias da nossa história*? Ademais, o volume foi publicado com um prefácio, datado já de março de 1920 – o que pode indicar que a adesão do editor Lobato ao projeto do livro foi praticamente imediata – assinado pelo renomado historiador Rocha Pombo. No prefácio, Viriato Corrêa é apontado como uma figura “que se fez ilustre e querida no mais vasto meio intelectual do país”¹⁷. Assinada por Rocha Pombo, a afirmação ganhava a autoridade necessária para dar mais peso a um nome que vinha se construindo na imprensa e na literatura.

Outro célebre escritor que procuraria o editor paulista seria o também acadêmico Afrânio Peixoto, a respeito da publicação do romance *O Mistério*, escrito ao lado de Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque e do já citado Viriato Corrêa:

97, Paissandu
11 de junho
1920

Lobato:

Negócio. Não sei se V. sabe que na “Folha”, do Medeiros, perpetramos, o Coelho Neto, eu, o Viriato Corrêa e ele, Medeiros, um romance de aventuras, policial, amoroso etc., *au jour le jour*, com algumas coisas bem interessantes, e que aqui do que nos disse, não sei se por amabilidade o Medeiros despertou interesse a ponto de aumentar a tiragem do jornal. Foi o “Mistério”.

Trata-se de o publicar em volume. Embora de qualidade literariamente modesta, há interesse para o público, não sendo somenos o dos nomes que o subscrevem (ó Afrânio!). Editor: o Alves não convém ao Neto, o Leite Ribeiro não pode consigo, o Garnier é em Paris. Lembrei-me de V. Como negócio, não é mau, creio que faremos algumas edições; com reclame, magnífico. Poderá V. fazê-lo, agora? É negócio, veja lá, e não favor, de sorte que V. não se sentirá embaraçado em nos dizer, ou me dizer, “não”. Sei das angústias dos nossos editores. Como é V. um novo negociante, daí a minha lembrança. Insisto: não tenha o menor vexame na recusa, porque apenas lhe proponho um negócio. Pessoalmente, ou individualmente, eu seria obrigado a levar ao Alves, pelos meus antecedentes,

¹⁵ Manuscrito original depositado no Fundo Monteiro Lobato do Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (CEDAE), do IEL/UNICAMP (Série Correspondência Passiva).

¹⁶ A obra aparece listada na coluna “Movimento editorial”, na seção “Resenha do Mês” do nº 61, de janeiro de 1921, da *Revista do Brasil*, à p.89, entre aquelas que foram “editadas nos fins do ano passado, em S. Paulo”, com uma tiragem de três mil exemplares. Uma segunda edição do livro, aumentada, seria publicada no Rio de Janeiro, em 1923, por A. J. de Castilho.

¹⁷ CORRÊA, Viriato. *Histórias da nossa história – 1ª Série*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1920, p.10.

como lhe levei, ainda esta semana, um outro livro. Neste, tenho sócios e suas incompatibilidades, que é preciso resguardar.

Quando torna ao Rio? Soube de sua partida, já V. em S. Paulo: nem lhe pude seduzir com os meus pirões.

Um afetuoso abraço do
Seu admirador e amigo

Afrânio Peixoto¹⁸

Afrânio Peixoto, sem qualquer preâmbulo, apresenta o objetivo da carta: “negócio”. E, mais adiante, ainda emenda: “é negócio, veja lá, e não favor”. É bastante direto também ao argumentar que apresentaria a proposta de publicação de *O Mistério* à Livraria Francisco Alves, não fosse a “inconveniência” dessa casa editora para Coelho Neto. Lobato parece ter se interessado rapidamente pelo negócio proposto, pois na carta abaixo transcrita, datada de 16 de julho de 1920 (pouco mais de um mês depois da carta acima, de Afrânio Peixoto, propondo o negócio), Coelho Neto afirma já ter assinado o contrato de edição de *O Mistério*:

[papel timbrado: Prefeitura do Distrito Federal / Gabinete do Diretor / da / Escola Dramática]

Em 16 de Julho de 1920

Ilustre confrade Sr. Monteiro Lobato

A pedido do Afrânio assinei o contrato para a publicação d’*O Mistério*, moxinifada escrita *à la diable* (pelo menos por mim) e de muita má vontade. Que espera o meu amigo de tal balbúrdia? Não seria melhor que eu me inscrevesse na bibliografia da *Revista do Brasil* com alguma coisa mais decente, como, por exemplo, um volumete de contos do meu veranico, que tem por título *Vesperal*?

Confrade e admirador

Coelho Neto
79 Rua do Rozo¹⁹

Note-se a preocupação de Coelho Neto com a publicação de um romance classificado como moxinifada, miscelânea, mixórdia, que teria sido escrito de maneira descuidada e despreocupada – *à la diable*. Certamente um romance como esse poderia não se coadunar com a imagem daquele que, anos depois, seria eleito o “Príncipe dos Prosadores Brasileiros”. A despeito disso, o romance seria publicado por Lobato no final do ano de 1920²⁰. Meses depois, Coelho Neto volta à carga e escreve novamente ao editor, propondo dessa vez a publicação de um libelo político:

¹⁸ Manuscrito original depositado no Fundo Monteiro Lobato do Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (CEDAE), do IEL/UNICAMP (Série Correspondência Passiva).

¹⁹ *Idem*.

²⁰ A obra aparece listada na coluna “Movimento editorial”, na seção “Resenha do Mês” do nº 61, de janeiro de 1921, da *Revista do Brasil*, à p.89, entre aquelas que foram “editadas nos fins do ano passado, em S. Paulo”, com

79 – Rua do Rozo

Rio, 17 de Fevereiro, 1921

Ilustre confrade Sr. Monteiro Lobato

Pedem-me, de vários pontos, a “Contestação” com que, em 1917, perante a Comissão de Poderes da Câmara, impugnei a eleição do grande Marcelino Machado. Conhece-o? Nem eu. É um tagante. Do número d’ “A Política” em que apareceu não resta um exemplar. Apraz-lhe a idéia de fazermos uma tiragem de 2000 exemplares (150 a 180 páginas) de porte maneiro, que se traga no bolso, com os cigarros? Se formos felizes com a “Contestação”, publicaremos as “Átidas”, campanha política no Maranhão (discursos e conferências), levando como prefácio a carta de Ruy Barbosa. Responda-me.

Amigo e confrade

Coelho Neto²¹

O escritor maranhense é bem específico em sua proposta: livro já publicado, com edição inicial esgotada – indício de boa vendagem –, tiragem de 2000 exemplares, formato de bolso. Ao que parece, Lobato acabou não editando o livro proposto por Coelho Neto, mas a amizade deles continuou por vários anos, mantendo-se a relação epistolar.

O último dos co-autores de *O Mistério*, o jornalista e escritor Medeiros e Albuquerque, também se correspondeu com Lobato, propondo-lhe a edição de um seu livro de contos:

Rio de Janeiro, 29 de setembro

1922

35 – R. Aristides Lobo

Meu caro Monteiro Lobato.

Há tempos imemoriais, a casa Garnier editou um livro meu intitulado *Contos Escolhidos*. O título parecia pretensioso. Dir-se-ia que era a fina flor de minha admirável produção!

Desde, porém, que se explicava a cousa, a pretensiosidade desaparecia. Os contos tinham sido escolhidos do ponto de sua pureza. Eles podiam, como dizia um editor francês, *être mis entre toutes les mains*.

A edição esgotou-se há mais de cinco anos.

Pergunto-lhe: convir-lhe-ia fazer uma edição, com as suas condições habituais?

Para dar uma virgindade nova a essa tão desvirginizada coleção, eu lhe mudarei o nome. Chamá-la-ei melifluamente: “Flor seca”. Dentro, entretanto, em uma curta nota, exporei o caso honestamente.

Eu creio que um livro, declaradamente puro e casto, suscetível de ser lido pelas mais cândidas e amenorréicas donzelas, é rendável.

Decide o caso com toda a liberdade de ação.

Saudações afetuosas do

admirador e amigo

Medeiros e Albuquerque.²²

uma tiragem de três mil exemplares. A segunda edição do romance seria publicada em 1922, ainda pela Monteiro Lobato & Cia., o que pode ser um indício da recepção do romance pelo público, com um bom ritmo de venda. Uma terceira edição sairia em 1928 pela Companhia Editora Nacional.

²¹ Manuscrito original depositado no Fundo Monteiro Lobato do Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (CEDAE), do IEL/UNICAMP (Série Correspondência Passiva).

²² *Idem*.

A edição dos *Contos escolhidos*, pela Garnier, havia sido publicada em 1907 e, ao que parece, esta foi a única edição. Segundo o remetente, a edição estava esgotada “há mais de cinco anos”. Sendo a carta de 1922, a edição teria se esgotado por volta do ano de 1915 ou 1916. Ora, um livro que tinha levado quase dez anos para esgotar a edição não parecia um bom negócio. Talvez esse tenha sido o raciocínio de Lobato, ou talvez pudesse existir alguma implicação jurídica advinda do anterior contrato de edição com a Garnier. Assim, apesar de todos os argumentos de Medeiros e Albuquerque, a publicação de *Flor Seca* não vingou. É interessante notar de qualquer modo que, a despeito do tom um tanto chistoso e aristocrático do remetente, havia a grande preocupação em publicar uma obra *rendável*, que pudesse ser posto em todas as mãos, que pudesse “ser lido pelas mais cândidas e amenorréicas donzelas”.

Por vezes, porém, o editor Lobato seria procurado não diretamente pelo interessado, mas por um intermediário. É o caso da carta que Gilberto Freyre escreve a Lobato, a 4 de abril de 1923, ao retornar ao Brasil após o seu *grand tour* pela Europa, servindo de intermediário para a propor a publicação da tradução das conferências de seu amigo, o diplomata e historiador Oliveira Lima:

Abril 4, 1923

Meu caro Monteiro Lobato:

Um abraço. Acabo de chegar a Pernambuco, onde há cinco anos não punha o pé. Estou a faltar-me de água de coco e caldo de cana – a satisfazer minha ânsia saudosa de paisagem tropical. Há de vir-me amanhã ou depois do interior um papagaio e com esta nota viva de natureza pernambucana, estará completa a *local colour* em volta de mim. Cercam-me o quarto, além duma jaqueira, árvore gorda e grotesca, canas de açúcar, bananeiras, palmeiras adolescentes, com os leques não de todo escancarados. Isto encanta, meu caro autor de *Urupês*, após cinco anos de *bungalows*, de *skyscrapers*, de Quinta Avenida e Picadilly. O que é positivamente um horror é o que há aqui de novo: os novos edifícios, os jardins novos, nus, sem árvores, as novas residências, sem caráter, sem gosto e tão escancaradas à vista do público que nem o ar de residências possuem.

Pede-me o Oliveira Lima que lhe escreva a respeito da tradução das conferências de Williamstown: deseja V. editar a tal tradução? O Oliveira Lima quer que eu seja o tradutor ou, no caso de não ser isto possível, fará ele próprio a tradução, ditando-a a um amanuense. Conheço as conferências no original, parecem-me interessantes, mesmo para o Brasil.

Informam-me que V. está com mais de 100 livros contratados – uma notícia que me espanta e me horroriza.

Abraça-o de novo o admirador

sincero

Gilberto Freyre

199 Imperador

Pernambuco²³

A edição das conferências de Oliveira Lima foi recusada pelo editor. Talvez Lobato estivesse começando a preocupar-se com o gigantismo da Monteiro Lobato & Cia., e a dificuldade em liquidar os estoques acumulados. É o que se depreende da carta seguinte, em que Gilberto Freyre responde a uma carta de Lobato, recusando a edição:

Imperador 199
Recife

26 de Maio 1923

Meu caro Lobato:

Recebi sua carta. Suas razões de editor, quanto às conferências do Oliveira Lima, acho-as justas e de peso. Sinceramente: no seu caso faria o mesmo. – Mas meu caro Lobato, V. está sendo muito liberal – *too easy* – com essa nossa gente besuntada de literatice e atacada da fúria epiléptica de fazer livro.

Envio-lhe os retalhos de dois artigos meus no *Diário*.

Quando aparecer na Revista meu artigo sobre o Goldberg peço-lhe enviar-me um exemplar-obséquo que antecipadamente agradeço.

Creia-me, meu caro Lobato, seu muito sincero admirador

Gilberto Freyre.²⁴

A advertência de Gilberto Freyre – “mas meu caro Lobato, V. está sendo muito liberal – *too easy* – com essa nossa gente besuntada de literatice e atacada da fúria epiléptica de fazer livro” – revela um caráter premonitório bastante interessante. Basta lembrar que, pouco mais de um ano depois, como se sabe, com os racionamentos de energia e as dificuldades advindas da Revolução de 1924, os problemas de Lobato se agravariam e o levariam a pedir a falência no ano seguinte.

Mas a correspondência do editor Monteiro Lobato não se constituía somente de aspirantes a uma vaga no prelo da editora. É o que vemos, por exemplo, nas duas cartas abaixo, escritas por Sérgio Milliet, em que dá conta a Lobato de uma tradução de alguns seus contos, feita em colaboração com Blaise Cendrars – poeta franco-suíço que havia visitado o Brasil entre os meses de fevereiro e agosto de 1924 e viajado com o grupo dos modernistas (Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, entre outros) para conhecer as cidades históricas de Minas Gerais. A primeira delas, de 26 de outubro de 1924:

Paris, 26 de outubro 24

²³ *Idem.*

²⁴ *Idem.*

Caro amigo Lobato, coloquei a tradução de seu conto “O macaco que se fez homem” na *Révue de l’Amérique Latine* onde aparecerá no número próximo. Tendo se apresentado ocasião para colaborar nas “Oeuvres libres” comecei hoje a tradução do “Suplício Moderno” em colaboração com Blaise Cendrars. Todo conto regional tem fácil aceitação aqui. Eis porque me seria agradável traduzir alguns. Deixo a escolha deles ao seu critério.

Com toda a amizade de

Sérgio Milliet

Correspondência para Sérgio da Costa e Silva

L’Americana

25, Rue Louis le Grand

Paris²⁵

E a segunda, de 15 de dezembro do mesmo ano:

Paris, 15 de Dezembro 24

Meu caro Lobato.

De posse de sua carta de 16 p. passado. Obrigado. O conto vai ser publicado num dos próximos números da *Amérique Latine*. O *suplício moderno*, já traduzido, está nas mãos do Cendrars para ser colocado em outra revista ou jornal. É bom não se limitar a uma só revista.

Aqui crise política. Ameaças de comunismo. Fraquezas do Ministério Herriot! Apesar disso muito brilho e muita luz; pudera, na cidade-luz! Será possível obter os números da Revista que contém os meus artigos? Há, aqui, um gabinete de leitura de revistas estrangeiras, muito afreguesado. Pediram-me revistas brasileiras. Acho de boa propaganda fornecer-lhes a Revista gratuitamente. Eis o endereço: Mme. Bucher, Rue du Cherche Midi, 3 – Paris –

Abraços a todos.

Sérgio.²⁶

A primeira carta, breve, apenas noticia a tradução dos contos e a publicação na *Révue de l’Amérique Latine*. A segunda carta, pouco mais extensa, permite-nos entrever os dois papéis de Lobato: o escritor, traduzido em francês por um integrante do grupo modernista – Sérgio Milliet – e por um dos poetas por eles admirado – Blaise Cendrars – e que seria publicado numa revista de grande circulação, projetando seu nome para além das fronteiras da língua portuguesa; o editor, interessado possivelmente em ampliar o público da *Revista do Brasil*, para além dos limites do território nacional.

Na troca epistolar do editor Monteiro Lobato, a troca do mundo dos negócios. No vaivém postal, o toma-lá-dá-cá comercial. Contudo, lançar o olhar sobre esses documentos a que agora temos acesso permite não só aprofundar e refinar os conhecimentos que temos sobre a atuação de um dos mais importantes editores brasileiros do século XX, mas também

²⁵ *Idem.*

²⁶ *Idem.*

reavaliar e redimensionar, por meio de sua rede de sociabilidade – consubstanciada sobretudo na sua correspondência –, o lugar de um dos mais importantes escritores do início do século XX, considerado imprópria e injustamente, por parte da crítica tradicional – repetida e repisada ao longo dos anos – um escritor retrógrado e ultrapassado, condenado por suas posições, o que levou Oswald de Andrade, em certo momento²⁷, a considerá-lo o “Gandhi do modernismo”. Lançando o olhar sobre essa correspondência, podemos rever a história literária e editorial do Brasil, e quem sabe poderemos reescrevê-la, resgatando a Monteiro Lobato, seja como editor, seja como escritor, a importância do papel que desempenhou em seu tempo.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Oswald de. Carta a Monteiro Lobato. *Ciência & Trópico*. Recife, v.9, nº 2, jul./dez. 1981, p.195-9.

BARRETO, Lima. *Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. Introdução, seleção e notas de Bernardo de Mendonça. Rio de Janeiro: Graphia, 1998.

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: Vida e Obra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

CORRÊA, Viriato. *Histórias da Nossa História – 1ª Série*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1920.

LIMA, Yone Soares de. *A ilustração na produção literária: São Paulo – década de vinte*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1985.

LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964.

_____. *Prefácios e Entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1964.

_____. Lobato, Editor Revolucionário. *Leitura*, ano I, nº 10, setembro de 1943, p.13, 32.

Movimento editorial. “Resenha do Mês”. *Revista do Brasil*, nº 61, jan. 1921, p.89.

Cartas da Biblioteca Monteiro Lobato – São Paulo

LOBATO, Monteiro. *Cartas a Cora Coralina, 04/10/1921 e 10/01/1922*. Cópia xerográfica de um datiloscrito sem assinatura / Cópia xerográfica de original manuscrito, Biblioteca Monteiro Lobato (pasta 33A, documentos nº 3702 e nº 3701).

²⁷ Trata-se do artigo intitulado “Carta a Monteiro Lobato”, publicado na imprensa em 1943, pela ocasião da comemoração dos 25 anos de publicação de *Urupês*, e depois reunido em seu livro *Ponta de Lança*.

Cartas do Fundo Monteiro Lobato, Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (CEDAE), do IEL/UNICAMP (Série Correspondência Passiva)

CAMPOS, Humberto de. *Carta a Monteiro Lobato, 31/05/1919*. Manuscrito original.

COELHO NETTO, Henrique Maximiano. *Cartas a Monteiro Lobato, 16/07/1920 e 17/02/1921*. Manuscritos originais.

CORRÊA, Viriato. *Carta a Monteiro Lobato, 05/03/1920*. Manuscrito original.

FREYRE, Gilberto. *Cartas a Monteiro Lobato, 04/04/1923 e 16/05/1923*. Manuscritos originais.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José Joaquim de Campos da Costa de. *Carta a Monteiro Lobato, 29/09/1922*. Manuscrito original.

MILLIET, Sérgio. *Cartas a Monteiro Lobato, 26/10/1924 e 15/12/1924*. Manuscritos originais.

PEIXOTO, Afrânio. *Carta a Monteiro Lobato, 11/06/1920*. Manuscrito original.